



AS DOZE SIBILAS

SOBRE O AUTOR

LEONARD LIMOUSIN (C. 1505-1577)

Leonard Limousin, ou Limosin, nasceu em Limoges, cidade do centro-oeste francês, por volta de 1505. Era filho de um estalajadeiro chamado François Limousin. A cidade de Limoges era um importante centro produtor de peças de metal esmaltado que abastecia a corte francesa, mas que também exportava essas peças para diversas cidades da Europa. Limousin engaja-se como aprendiz desse ofício no ateliê da família Pénicaud, tradicional esmaltadora de Limoges. Especula-se que tenha trabalhado sob a tutela de Nardon Pénicaud, porém pouco se sabe desse período formativo (LAVEDAN, 1913).

A carreira de Limousin se inicia em Limoges. Sua primeira obra de destaque é um conjunto de placas com o tema da *Paixão de Cristo*, produzidas em 1532 a partir de gravuras do alemão Albrecht Dürer. Seu primeiro grande mecenas foi o bispo Jean de Langeac, elevado a bispo de Limoges em 1533, e que figura nas placas de Limousin com o tema das *Sibilas*. De Langeac tinha muito prestígio com o rei francês Francisco I e, por isso, torna-se seu embaixador. O episcopado de de Langeac marca um período de intensa produção para Limousin (LAVEDAN, 1913).

De 1535 a 1548, Limousin passa a ser influenciado pela escola renascentista italiana, a partir dos artistas que integravam a Escola de Fontainebleau. Trabalha em uma série sobre a *Vida de Psique*, gravada a partir de cartões de Rafael. Também trava contato com artistas franceses dessa mesma escola, como Jean Cousin, cujas obras, gravadas por Etienne Delaune, seriam utilizadas posteriormente por Limousin

na produção de diversas placas esmaltadas. Em 1536, produz um retrato da rainha Eleonora da Áustria, esposa de Francisco I. Em 1541, Limousin instala, em Limoges, uma oficina com seu irmão Martin, artista pouco conhecido (LAVEDAN, 1913).

Em 1545, Limousin retorna à corte, desta vez para decorar os aposentos reais em Paris. Por encomenda de Francisco I, produz as placas dos *Doze Apóstolos*, hoje em exibição na Catedral de Chartres. Também produz diversos retratos da família real. Em 1548, Limousin torna-se artista da corte, assinando documentos como “esmaltador e pintor ordinário da câmara real”. É um momento de extrema importância em sua vida artística, onde se dedica a decorar palácios reais e principescos. Dedica-se também à pintura, especializando-se em retratos de corte. Apesar das obras desse período não serem datadas, especula-se que tenha passado quase vinte anos nessa posição. Em 1564, é chamado pelo rei Carlos IX para decorar salões reais em Bordeaux (LAVEDAN, 1913).

Perto do fim de sua vida, Limousin retorna para Limoges. Em 1572, de forma a homenagear o ilustre artista, os cidadãos de Limoges concedem a Limousin as honras de conselheiro da cidade. Ele morre logo depois, em 1577, deixando um longo testamento datado de 10 de fevereiro daquele ano (LAVEDAN, 1913).

AS DOZE SIBILAS

Sibila significa “aquela que anuncia os conselhos ou planos dos deuses” (HALFMANN, 2013, p. 100, trad.). Eram profetisas do mundo antigo que, preferencialmente, anunciavam seus sortilégios de forma indireta, por meio de charadas obscuras ou por mensagens com vários significados. Originárias da Ásia menor, as mais famosas sibilas eram as sacerdotisas dos templos de Delfos e de Cuma, dois lugares sagrados dedicados a Apolo, o deus grego associado com a caça, a cura, a profecia, a música e as artes em geral (HALFMANN, 2013).

Na tradição clássica, uma famosa sibila era Cassandra, filha de Príamo, rei de Troia. A jovem era amada por Apolo, que lhe concedeu o dom da profecia. Esta, entretanto, prevê a tomada da cidade pelos gregos, a morte de Agamenon e a fuga dos troianos para a península itálica, sob a liderança de Enéas. Para infortúnio dos troianos, que a consideraram louca, as profecias se tornaram verdadeiras. Assim, de acordo com a tradição iniciada por Virgílio, em sua *Eneida*, a sibila seria uma anunciadora de um fim, mas também de um recomeço (HALFMANN, 2013).

Dentro desta perspectiva, a imagem das sibilas são absorvidas pela tradição judaico-cristã. As sibilas seriam anunciadoras da história do mundo, desde suas origens até o tempo presente. Especula-se que tenham sido incorporadas,



Figura 1

LEONARD LIMOUSIN (C. 1505-1577)

Doze Sibilas

Limoges, França, primeira metade do século XVI

Metal esmaltado

Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (BR)

primeiramente, no período dos Macabeus (segunda metade do século II a.C.), e a partir daí chegaram à imagética cristã. Diversas pinturas e estátuas sobre o tema das sibilas integram a iconografia sacra europeia, onde essas profetisas dariam testemunho de momentos chaves da escatologia cristã, como o Juízo Final e a volta de Jesus Cristo (HALFMANN, 2003).

Antes variando entre seis e dez, o número de sibilas foi fixado em doze no final do século XV, em alusão aos doze profetas menores do Antigo Testamento. A Casa Museu Eva Klabin possui em seu acervo uma coleção de placas de Leonard Limousin sobre as *Sibilas* (Fig.1), produzidas por volta de 1527, ainda em seu período formativo. Cada sibila carrega um atributo característico, sempre associado com a vida de Cristo,

além de uma faixa que a identifica. As sibilas são nomeadas a partir de diversas regiões do mundo então conhecido, na Europa, na Ásia e na África, e enfatizavam a mensagem universal do cristianismo e seu triunfo sobre as religiões da Antiguidade (MIGLIACCIO, 2007).

A Sibila Délfica, por exemplo, faz menção ao famoso templo de Apolo em Delfos, na Grécia. Seu atributo cristão é a coroa de espinhos, em alusão ao sofrimento de Jesus Cristo no caminho para a sua crucificação. A Sibila Eritreia é uma outra sibila europeia, que faz menção ao oráculo de Apolo em Eritreia, ilha grega no mar jônico. Seu atributo cristão é uma rosa, ou um lírio, flores associadas com a Virgem Maria e com o evento da Anunciação. A Sibila Líbia, ou Egípcia, é uma sibila africana e seu atributo cristão é uma vela, símbolo da luz divina a iluminar o mundo. Igualmente, a Sibila Pérsica, sibila asiática, traz uma lanterna como sinal da inspiração divina no estudo das sagradas escrituras. Por fim, a Sibila Cumana faz referência ao oráculo de Apolo em Cuma, colônia grega da península itálica, hoje região metropolitana de Nápoles. Seu atributo é um tanto controverso, algo parecido como uma concha ou rocha fendida, que faria alusão ao nascimento de Cristo (RÉAU, 1956).

REPRESENTAÇÕES DAS SIBILAS POR OUTROS ARTISTAS

A iconografia das Sibilas foi muito utilizada na arte cristã católica, desde a Idade Média até o século XVI. Era o expediente imagético ideal para uma nova fé, que se propunha universal desde as mensagens do Apóstolo Paulo. “Enquanto os profetas anunciavam um Messias aos judeus, as Sibilas anunciavam o Salvador aos pagãos” (REAU, 1956, p. 420). Dessa forma, a arte religiosa europeia cria um recurso proselitista que alcança as diversas culturas do mundo conhecido. E quando consolidada a fé cristã, torna-se testemunho do triunfo final da Igreja Católica sobre as antigas crenças.

No monumental teto da Capela Sistina, na Cidade do Vaticano, Michelangelo Buonarroti coloca as figuras de cinco sibilas – Délfica, Cumana, Pérsica, Líbia e Eritreia – alternando-se com as figuras dos mais proeminentes profetas do Antigo Testamento. São reconhecidas apenas pelas faixas que ostentam seus nomes, sem qualquer outro atributo iconográfico. Junto com os profetas, elas seriam as cronistas dos acontecimentos descritos nas cenas principais, como a criação do mundo. A Sibila Délfica (Fig. 2) encontra-se diante da cena da *Embriaguez de Noé*, oposta ao profeta Joel. É uma mulher jovem, que segura um pergaminho. Parece distraída com algo, como se estivesse diante de uma visão do futuro. A Sibila Líbia (Fig. 3), a mais próxima do altar-mor da Capela, segura um grande livro sobre o qual meditava, mas

Figura 2

MICHELANGELO BUONARROTI

(1475-1564)

Sibila Déléfica, c. 1505-1515

Cidade do Vaticano,

Capela Sistina (VT)



Figura 3

MICHELANGELO BUONARROTI

(1475-1564)

Sibila Pérsica, c. 1505-1515

Cidade do Vaticano,

Capela Sistina (VT)



contorce o corpo para olhar para baixo, talvez para observar a homília. Estudiosos especulam que a atitude da Sibila indicaria o cumprimento de todas as profecias da vida de Cristo, a partir da fé.

Na porta leste do batistério da Catedral de Florença, conhecida como *Porta do Paraíso*, Lorenzo Ghiberti também alterna figuras de sibilas com figuras masculinas, associadas com os profetas veterotestamentários. Essas figuras emolduram as placas que narram cenas da criação do mundo e da vida dos patriarcas. As Sibilas de Ghiberti (Fig. 4) não são identificadas e não possuem atributos específicos. São jovens mulheres, em trajés que emulam túnicas da antiguidade clássica. Postam-se de pé, com os joelhos levemente flexionados, segurando grandes instrumentos de percussão semelhantes a pandeiros. Parecem celebrar ao som da música que tocam. De forma poética, Ghiberti coloca as sibilas em atitude celebratória da vida dos santos, comemorando os faustos e os triunfos da fé cristã.



Figura 4

LORENZO Ghiberti (1378-1455)

Sibila (Detalhe da Porta do Paraíso), c. 1425-52

Florença, Museo dell'Opera del Duomo (IT)

BIBLIOGRAFIA

LAVEDAN, Pierre. *Leonard Limousin et les Emaillleurs Français*. Paris: Librairie Renouard, 1913.

MIGLIACCIO, Luciano. *A Coleção Eva Klabin*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2007.

RÉAU, Louis. *Iconographie de l' Art Chrétien*. v. 2, tomo 1. Paris: Presses Universitaires de France, 1956.

SIBYLLINE ORACLES. In: HALFMANN, Anne (Org.). *The New Catholic Encyclopaedia*. v. 13. Farmington Hills: Gale, 2003.

SISTINE CHAPEL. *Musei Vaticani*. Disponível em <http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/cappella-sistina.html>.